ORLANDI, Eni P.; MASSMANN, Débora.
(Orgs). **Cultura e Diversidade**. [Trilogia
Travessia da Diversidade, v. 1.] Campinas-
SP: Pontes, 2016. 231p.

SOBRE CULTURA E DIVERSIDADE HOJE: O POLÍTICO E A DIFERENÇA

FELIPE AUGUSTO SANTANA DO NASCIMENTO¹

Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas
Rua Sérgio Buarque de Holanda - Cidade Universitária
13083-859 – Campinas, SP - Brasil

felipe.augustus@hotmail.com

A discussão sobre a cultura é latente na sociedade hoje e diversos são os trabalhos que tentam compreender o funcionamento dessa palavra em relação a diferentes materialidades significantes. Dentre os muitos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos, destacamos o volume 1, *Cultura e Diversidade*, da *Trilogia Travessia da Diversidade*², que discute a relação entre a cultura e a diferença a partir de uma perspectiva que prioriza a linguagem. Trata-se de um volume organizado por Eni Orlandi e Débora Massmann que, ao longo de dez artigos, escritos por diferentes pesquisadores, apresenta leituras e descolamentos importantes para refletirmos sobre a relação entre sujeitos e sentidos a partir da questão da cultura pensada na diversidade.

Já na apresentação do livro, Eni Orlandi e Débora Massmann, ao fazerem referência à obra de Michel De Certeau, *A cultura no plural*, apontam para a necessidade de compreender a cultura na pluralidade, na atividade com outro. Como afirmam as organizadoras, é "a noção de cultura, pensada como trabalho, na extensão da vida social" (p. 14) que é observada neste volume da trilogia. A cultura, então, seria "como um sistema que é relação" (p. 15), compreendida pela sua dinâmica, na movência de sentidos, na sua criação. É ao compreender a cultura como criação, em sua historicidade, que as autoras sustentam o argumento de que o diferente deve ser visto na diversidade nas diferentes formas do cotidiano.

A questão da pluralidade, portanto, não se restringe à diversidade, mas à compreensão do diferente no diferente em relação ao outro, sem apagar o político constitutivo das relações sociais. Embora hoje a palavra cultura funcione como substituição de ideologia (ORLANDI, 2014), cultura, para as autoras, não é naturalização e não recobre os sentidos de ideologia, ao contrário, ela funciona como possibilidade de

¹ Doutorando em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

² A trilogia tem em comum a questão da diversidade que é discutida a partir de três frentes: a cultura, a sociedade e a arte.

descolamentos e de produzir "a proliferação de invenções de espaços coercitivos". Enunciado que produz eco na afirmação de Michel Pêcheux, em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, no qual ele afirma que é preciso compreender as formas culturais por meio de suas "relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido" (2012, p. 49). Isso significa pensar um trabalho que vá além da "simples 'troca cultural'" (*ibidem*), mas que leve em consideração, conforme apontam as organizadoras do volume *Cultura e Diversidade*, a "criação de possíveis na relação com o outro – e com o Outro – na elaboração da historicidade" (p. 17).

No primeiro artigo, Mariza Vieira da Silva, da Universidade Católica de Brasília, propõe-nos uma discussão sobre a relação entre cultura e diversidade nas práticas linguístico-pedagógicas de ensino da língua brasileira. A autora, desse modo, interroga-se: "como desconstruir consensos que, em nome da diversidade, não trabalham o dissenso, a heterogeneidade linguística, esvaziando, assim o debate, a criatividade, as possibilidades de novas práticas?" (p. 21-22). Sem negar os avanços que tivemos no Brasil nos últimos anos em relação à escolarização fundamental, Vieira faz um percurso analítico sobre questões caras à escolarização no Brasil: a relação entre comunicação-cultura-educação e entre língua-diversidade-escola.

Nesse sentido, a autora nos mostra como a ideologia da comunicação, relacionada à diversidade cultural e ao processo de mundialização, produz a individualização dos sujeitos como sujeito-usuário, sujeito-consumidor. É assim que ela, de forma enfática, afirma que a diversidade linguístico-cultural não pode ser vista como neutra e transparente, mas como "produzida socialmente como conceito e como política" (p. 25). Nesse sentido, as políticas de inclusão social, por meio da diversidade, da pluralidade, da multiculturalidade, da interculturalidade, acabam por negar a participação desses sujeitos "incluídos" no heterogêneo e contraditório movimento histórico. Vieira, então, propõe, em termos teóricos e práticos, o trabalho com a materialidade da língua em diferentes discursividades, resignificando, por exemplo, o lugar dado ao dicionário na sala de aula, no qual ele deixaria de ser apenas um material de consulta e passaria a ser compreendido em sua diversidade, ainda que regulada, de definições, de posições-sujeito, de sentidos.

Em *Cultura e diversidade na poética da relação de Édouard Glissant*, Véronique Braun Dahlet, da Universidade de São Paulo, instiga-nos a refletir sobre a relação entre cultura e identidade a partir da poética de Édouard Glissant. Tendo como pergunta norteadora de seu artigo "como fazer, frente às diferenças com as quais nos deparamos, quando são sentidas como ameaçadoras?" (p. 51), Dahlet toma o conceito central de relação de Glissant para discutir a fabricação e a imagem da cultura e da identidade no processo de mundialização.

A autora continua a nos provocar ao se questionar como essa cultura, embora misturada, produz uma imagem de ser fechada, o que garante o sentimento de identidade. É nesse sentido que ela se pergunta "como se dá, no mundo globalizado, o encontro de duas culturas?" (p. 54). Uma pergunta de fôlego e que evidencia o dissenso na sociedade hoje. Para discuti-la, a autora, tomando a poética de Édouard Glissant, evidencia as relações de força na história. É a noção de relação, tal como entendida por Glissant, que permite à autora compreender as culturas no "período atual caracterizado pelo total conhecimento do mundo" (p. 59).

No terceiro artigo, *"Não é só a morte que nivela: o discurso da cultura digital"*, Cristiane Dias, pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp, discute o funcionamento do discurso da cultura digital na sociedade inserida na mundialização. Para a autora, ao menos três questões devem ser levantadas: a locução "cultura digital", que produz a ressignificação da discursividade da cultura pela do digital; o esvaziamento do social e dos movimentos sociais em prol de um cultural produzido pelo digital, o que implica em deslizamentos do social para o digital; e, por fim, o funcionamento do imaginário digital, que produz a ilusão de democratização e o apagamento do político.

Em prol do discurso da cultura digital, Dias nos mostra como o poder do acesso, da democratização do acesso à cultura e ao digital, mais especificamente pela cultura digital, pela discursividade do novo, produz deslizamentos de uma sociedade de informação para uma cultura digital, na qual sociedade desliza para cultura e informação para digital. É, então, a partir do movimento cultural da Flipobre, um festival literário online que aparece como contraponto à FLIP de Paraty, que a autora analisa como "a cultura digital se significa pelas relações de produção capitalista, colocando em evidência a divisão digital do trabalho da leitura literária" (p. 77).

Em seguida, José Horta Nunes, também pesquisador do Labeurb/Unicamp, em seu artigo *O dicionário crítico: um instrumento de política cultural*, propõe-nos uma reflexão sobre as "palavras da cultura", ao se perguntar "como se formou um campo de especialidade terminológica nesses instrumentos [enciclopédias ou dicionários enciclopédicos], de que maneira se deu a passagem do vocabulário cultural das enciclopédias gerais para as enciclopédias ou especializadas?" (p. 84). Por meio, então, da terceira edição de 2004 do *Dicionário crítico de política cultural*, de Teixeira Coelho, importante para disciplinarização da política cultural no Brasil, que o autor discute como conceitos advindos de outras áreas do conhecimento são agrupados e comentados para formar essa nova disciplina que relaciona a Universidade às políticas públicas.

Ao analisar diferentes entradas nesse dicionário crítico, Nunes observa como, ao delimitar um campo disciplinar, o dicionário produz o efeito de estabilização de sentidos, na tentativa de controlar a polissemia das diferentes disciplinas às quais esses conceitos estão relacionados. Tomando como recorte a formação da nomenclatura e o corpo do verbete para explicitar as marcas do processo de conceituação, o autor, filiado à Análise de Discurso, expõe "os gestos de interpretação conceitual constituídos na materialidade discursiva, de compreender os processos de produção e circulação do conhecimento na relação com a sociedade e a história, levando-se em conta a espessura da língua" (p. 112). Desse modo, Nunes nos convida a compreendermos os embates travados para a instituição de um campo de saber frente à diversidade de sentidos, a polissemia, de um conceito.

Em seguida, no artigo *Os efeitos de sentidos do termo cultura nos processos de segregação e visibilidade da surdez – a (im)possibilidade de inclusão*, Renata Barros, da Universidade do Vale do Sapucaí e Patrícia Lopes, do Instituto Nacional de Telecomunicações, discutem os sentidos em torno do termo *cultura surda*, buscando compreender dois movimentos: a historicização da palavra cultura em textos oficiais de políticas públicas de inclusão e como essas discursividades sobre o(s) conceito(s) de cultura e seus efeitos produzem significação sobre a surdez e, por sua vez, sobre a pessoa surda.

As autoras, desse modo, confrontam-se com a opacidade produzida pela palavra cultura³ que, ao mesmo tempo em que abre para o reconhecimento da *comunidade surda*, enquandra-a como um "grupo-cultura", afetando a significação desse grupo e dos sujeitos que dele fazem parte. Ao compreender o funcionamento da *comunidade surda*, que é discursivizada pelo estereótipo e pela caracterização de seus aspectos biofisiológicos, Barros e Lopes nos apontam os efeitos da discriminação de grupos-cultura que produzem a segregação desta comunidade. Ao contrário do reconhecimento da diferença, o termo cultura, como afirmam as autoras, "vem sendo discursivizado nos estudos surdos, administrando o efeito de evidência acerca do grupo-surdo, instaurando um processo cíclico" (p. 131).

Em *Práticas reflexivas do corpo: representação, materialidade e tecnologia*, sexto artigo do volume, Marko Monteiro, Professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, produz uma reflexão, na relação entre o social e o corpóreo, que se afasta do determinismo biológico sobre a materialidade do corpo na sociedade. O autor, nesse sentido, recusa determinismos sociais e biológicos e argumenta em favor de uma "ideia de reflexividade do corpo [que] pode ajudar a superar os desafios criados pela necessária crítica do essencialismo biológico, associada a uma teorização ainda insuficiente da maleabilidade da biologia na sociedade contemporânea" (p. 136-137).

O corpo, que hoje é estudado por diferentes campos do saber, é tomado pelo autor a partir de uma perspectiva que não dispensa o *corpóreo* em favor do *significativo* promovendo uma discussão da reflexividade em relação aos trabalhos que teorizam a ciência e a tecnologia. Nesse sentido, por meio de novas pontes entre o corpo e a tecnologia, a exemplo da tecnologia genética, ele discute como o uso da biologia molecular produz a autoconstrução ativa e reflexiva do corpo produzindo novas formas artísticas. Monteiro, então, convida-nos a repensar nossas ferramentas conceituais para compreendermos que "a matéria corporal, passível de manipulação consciente, torna-se reflexiva e parte dos fluxos sociais cada vez mais abrangentes" (p. 150).

No artigo *Processos de significação e de subjetivação em narrativas autobiográficas*, Juliana Cavallari e Juliano Lima, ambos da Univas, discutem, a partir de uma perspectiva discursiva, relatos de história de vida de inclusão de alunos portadores de deficiência(s) para compreender "a constituição de sujeitos, sentidos e efeitos de verdade que circulam na sociedade contemporânea acerca de práticas inclusivas" (p. 151). Com um dos objetivos de desnaturalizar a noção de cultura para pensá-la como transformação constante, resistência e (re)invenção pessoal e social, os autores apoiam-se nos trabalhos de Coracini (2016) e tomam a cultura relacionada com a língua, ou melhor, a língua sendo já cultura (a língua-cultura) em relação com a memória discursiva. Aprender uma língua, dessa forma, pressupõe a inserção nessa língua-cultura, na qual a visão de mundo, trazida pela cultura, presume a memória discursiva.

Desse modo, para os autores, é preciso salientar a diferença da cultura enquanto algo dado *a priori* e a cultura como construída discursivamente. É nesse sentido que, nas análises apresentadas no artigo, os sentidos de cultura é colado com um "ideal de Cultura governado pela normalidade e que se dissemina na sociedade por meio de suas

³ Nos Anais do ENELIN 2016 (NASCIMENTO, 2016), discuto a opacidade da palavra cultura a partir do verbete cultura em dicionários de língua portuguesa.

instituições e relações" (p. 164). É por meio, então, de uma "escuta diferenciada", na qual o equívoco e as falhas não são compreendidos como erros, que Cavallari e Lima propõem que as falhas, em relação à língua-cultura, sejam trabalhadas em sua singularidade frente aos sentidos já estabilizados muitas vezes pela instituição escolar.

No artigo *Discurso, cinema e cultura em suas práticas de significação: um relato sobre o cineclube Nelson Mandela*, Greciely Costa, também da Univás, propõe-nos uma reflexão sobre a relação entre cinema e cultura pelo viés do discurso, o que significa compreender que o cinema, no que se refere à linguagem, não se limita à comunicação. Assim, enquanto o cinema é compreendido como discurso, a cultura, na esteira do pensamento de De Certeau, "é compreendida como práticas de significação, no plural" (p. 168). A autora, desse modo, afasta-se de concepções que tomam a cultura como mentalidade e a pensa como práticas de significação.

Ao refletir sobre o cineclube, na relação entre cinema, cultura e discurso, Costa nos convida a *escutar* os relatos do sujeito-espectador do Cineclube Nelson Mandela, realizado no Distrito Industrial de Campinas, nos quais os sujeitos, na relação entre cinema e cultura, reinventam-se, dão "sentidos diferentes a práticas já significadas socialmente" (p. 176). A compreensão do cinema como discurso e da cultura como prática de significação (e também, segundo a autora, como prática social) é o que permite que os sentidos possam ser outros e que os sujeitos, nesse trabalho de reinvenção, desloquem sentidos que pareciam estar estabilizados.

No nono artigo do volume, *Do cultivo à cultura: o papel da mulher nas casas de farinha de mandioca*, Patrícia Brasil, professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e Raquel Sobral, professora da Universidade Anhembí Morumbi, discutem, a partir da perspectiva do gênero, o cultivo da mandioca e sua importância política e social para as comunidades tradicionais. Partindo da hipótese de que "a questão do gênero torna invisível a produção artesanal, subvalorizando a atividade da mulher" (p. 181), as autoras desenvolvem seus estudos em três comunidades produtoras de farinhas das regiões do Baixo Tocantins, da Zona do Salgado Paraense e do Recôncavo Baiano.

A mandioca, segundo as autoras, joga na sociedade brasileira na dialética entre cultura, cultivo e tradição na formação da culinária e do povo brasileiro⁴. A mandioca funciona contraditoriamente como fio condutor para esses sujeitos invisíveis que, sendo mulheres, são submetidos à divisão sexual do trabalho. Com força e de maneira instigante, elas apontam que a divisão se amplia com a falta de desenvolvimento tecnológico para o setor da produção de farinha de mandioca que, funcionando por meio do trabalho artesanal, perde espaço para o agronegócio, o que produz o fechamento das casas de farinha de mandioca e a migração dessa população. Na divisão sexual do trabalho, no caso das produtoras de farinha, o que temos é o trabalho significando como não trabalho ou como trabalho secundário, produzindo implicações jurídicas para essas mulheres.

⁴ A partir dos trabalhos de Carolina Rodríguez-Alcalá (2003), discuto (NASCIMENTO, 2016; 2017) que a memória da cultura relacionada ao cultivo da terra é fundamental nos processos de identificação do sujeito ao espaço, já que a cultura, enquanto cultivo da terra, pressupõe o processo (o sujeito que cultiva) e o produto (o resultado do cultivo, o objeto). É o apagamento do processo, do sujeito e, consequentemente da história, em prol do objeto, que produz a naturalização da cultura, a qual passa a funcionar como tradição, negando o político, a diferença.

Por fim, o último artigo do volume, *Autismo: um discurso em cena(s)*, Cynara Telles, doutora em Linguística pela UFSCar, amparada nos pressupostos teóricos da Psicanálise freudiana e lacaniana e nos discursivos, vinculada ao pensamento de Authier-Revuz e Michel Pêcheux, discute o discurso sobre o autismo na sua relação com o Outro e a linguagem. Ela observa, portanto, que há uma sobreposição do discurso do especialista sobre o autismo pelo discurso do leigo e do artístico. Vários foram os filmes que passaram a relatar o autismo a partir da década de 1980, o que produziu um conhecimento maior sobre esse tema. A autora toma, portanto, um desses filmes como material de análise, o filme *Temple Grandin*, de 2010.

Ao analisar o filme, ela nos mostra os processos de metofoforização pelos quais o sujeito autista se significa e significa o outro. Investindo nas noções de polissemia e homogeneidade de sentidos, a autora se debruça sobre a locução "máquina do abraço", pela qual o sujeito autista metaforiza suas angústias e joga com sentidos já postos, ao mesmo tempo em que abre para a polissemia. Na relação entre os sentidos já estabilizados sobre máquina e a "máquina do abraço", podemos observar a recriação como possibilidade dos sentidos e dos sujeitos sempre serem outros.

Por meio de diferentes materiais, a partir de diferentes perspectivas sobre a noção de cultura em relação à diversidade, os textos do volume 1 da *Trilogia Travessia da Diveridade* nos ajudam a compreender o funcionamento desse significante na sociedade hoje. Ler a cultura e a diversidade hoje, na sua relação com a linguagem, é fundamental para descolarmos sentidos já estabilizados. O volume, certamente, não responde todas as questões sobre a cultura e a diversidade, tampouco as encerra. Ao contrário, em cada texto, temos pistas de como pensá-las hoje, de forma a não naturalizar a cultura, pela negação do político, e não negar, na diversidade, a diferença pela diferença.

REFERÊNCIAS

DE CERTEAU, M. **A cultura no plural**. 4ª. ed. Trad. Bras. Campinas: Papirus, 1995.

CORACINI, M.J. Pobreza e marginalidade em livro didático de francês como língua estrangeira: entre o poder e a discriminação. Em: CAVALLARI, J.S.; CORACINI, M.J. (Orgs.). **(Des)construindo verdade(s) no/pelo material didático**: discurso, identidade, ensino. Campinas: Pontes Editores, 2016. pp. 25-56.

NASCIMENTO, F.A.S. Ler a cultura hoje: a construção do consenso nas políticas culturais do Estado brasileiro. **RUA** [on-line]. Campinas, SP, Labeurb/Nudecri/Unicamp, n. 23. v. 2, 311-334, nov. 2017.

_____. O verbete cultura: apontamentos sobre a relação entre cultura e Estado (nacional). Em: ORLANDI, Eni *et. al.* **Anais do Enelin 2015**. Pouso Alegre: Univás, 2016. p. 234-240.

ORLANDI, E.P. Ser diferente é ser diferente: a quem interessam as Minorias? Em: _____. (Org.). **Linguagem, sociedade, políticas**. [(Coleção Linguagem & Sociedade] Pouso Alegre: UNIVÁS; CAMPINAS: RG Editores, 2014. pp. 29-38.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Bras. 6ª. ed. Campinas: Pontes, 2012.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Entre o espaço e seus habitantes. Em: ORLANDI, E.P. **Por uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes; Labeurb/Unicamp, 2003. pp. 65-84.

Resenha recebido em: setembro de 2017.

Aprovada e revisada em: janeiro de 2018.

Publicada em: maio de 2018.

Para citar este texto:

NASCIMENTO, Felipe Augusto Santana do. Sobre cultura e diversidade hoje: o político e a diferença. [Resenha]. Entremeios [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Resenha, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 16, p. 391-397, jan. - jun. 2018. (Resenha de ORLANDI, Eni P.; MASSMANN, Débora. (Orgs). **Cultura e Diversidade**. [Trilogia Travessia da Diversidade, v. 1.] Campinas-SP: Pontes, 2016. 231p.)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol16pagina391a397>